

Ilustração Portuguesa



II SERIE N.º 7416

Lisboa, 7 de Junho de 1920

20 centavos

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SECULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
 Editor — ANTONIO MARIA LOPEZ

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
 Trimestre 2\$60 ctv.
 Semestre 5\$00 *
 Ano 10\$00 *

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

Redacção, administração e oficinas: Rua d' S. Pedro, 43 — LISBOA

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa



M.^{ME} BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gail, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onoe foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seque-

guiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 reis, 2\$500 e 3\$000 réis.

INSTITUTO CLINICO DO RADIUM

Direcção tecnica do medico **Dr. DECIO FERREIRA**

1/2 grama de Radium

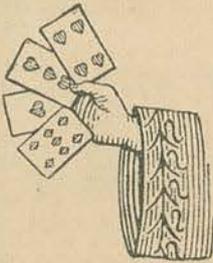


Tratamentos pelo Emanatorio e pela agua radioactiva, Raios X, Alta frequencia (Darsonvalização), Banhos hidroelectricos, de Luz e Ar quente, Electroterapia

Tratamento e cura do **CANCRO**, Angiomas, Nevus vasculares e pigmentares, manchas de vinho. Queloides e cicatrizes viciosas. Tuberculosos cutanea, mucosa, ossea, ganglionar e articular. Lupus, prurios, nevrodermites, acné, eczemas, Fibromas e hemorragias uterinas. Metrites. Uretrites cronicas, bienorrhagia e suas complicações. Conjuntivites. Ozene. Manifestações terciarias da sífilis. Artristismo, gota, reumatismo, ciatica. Asma, diabetes, bocio. Doenças da pele, do coração, nevralgias, nevrites, paralisias, hipertensão arterial, arteriosclerose, dilatação da aorta, tumores, etc., etc. Aposentos para doentes.

RUA GARRETT, 61 — Telef. C.-2:570

M.^{ME} VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esquina).

Academia Scientifica de Beleza

Directora **MADAME CAMPOS**

Avenida da Liberdade, 23 — LISBOA

— TELEFONE 3641 —

Só n'este estabelecimento as senhoras devem fazer os seus tratamentos e comprar os seus produtos de Beleza, por ser o unico competente em Portugal. As clientes d'este estabelecimento distinguem-se pela frescura ideal da cutis.

Consultas gratuitas por correspondencia enviando estampilha.

Depositos em LISBOA: Rua Augusta, 282 — No PORTO: Rua 31 de Janeiro, 234.

Casamentos rapidos e vantajosos

170.000

pezos ouro entregam-se a cavatheiro serio, demonstrando honestidade e boas referencias, que despose senhorita, 30 anos, educada e bondosa. Evitar escandalo social. Escrever a **Matrimonial Club of New-York, Porto.**

Contestam-se todas as cartas, observando-se absoluta reserva.

Deposito geral no PORTO: Consultorio Dentario J. Matos, Rua 5ª da Bandeira, 235. — Em LISBOA: B.

TONIKIM

O ALIMENTO E JUVENTUDE DOS CABELOS

Silva, Rua Arco Bandeira, 207, 2.º, P.
 — Em BRAG: Gomes & Matos, Avenida Central, — No BRAZIL, PARA: A. Matos, Rua Padre Prudencio, 66.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

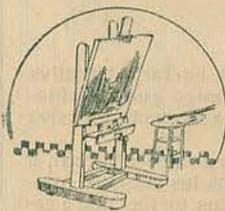
II Serie — N.º 746

Lisboa, 7 de Junho de 1920

20 Centavos

EXPOSIÇÃO FAUSTO GONÇALVES

Um moço pintor e quartanista da faculdade de direito, o sr. Fausto Gonçalves, dá-nos em exposição nas salas da «Ilustração Portuguesa» alguns saudosos trechos e aspectos da cidade do Mondego, duas ou tres dezenas de quadros a oleo, que Lisboa em peso admirou por varias razões, entre ellas porque revelam todos os requisitos exigidos n'um verdadeiro artista. O catalogo da exposição insere opiniões e incentivos de criticos d'arte e de outros apreciadores, os srs. Aarão de Lacerda, Eugenio de Castro, Sanchez da Gama, Silva Gato e A.



Gonçalves. D'este ultimo transcrevemos as seguintes linhas: «O sr. Fausto Gonçalves possui qualidades e recursos nativos de alto valor e acuidade notavel, que são auspiciosos pronuncios de brilhantes progressos. O resto dependerá das energias provadas da sua vontade, que o acolhimento publico não deixará de estimular com os merecidos aplausos de incentivo e apreço. São esses os meus mais ardentes votos.»

E os nossos.

SEGUROS SOCIAIS

Confessamo-nos, por este meio, infinitamente gratos ás Companhias de Seguros que, sem terem connosco as mínimas relações e apenas porque o nosso nome figura, como o de toda a gente, no «Anuário Comercial», se tem dignado interessar-se pelos nossos haveres, avisando-nos em circular de que nos esperam grandes semsaborias se não segurarmos contra incidentes de trabalho a criada que nos serve. O interesse que manifestam pelo futuro d'essa pobre rapariga, também muito nos comove e a ela propria, que, por não saber escrever, nos pede para aqui deixarmos consignados os seus agradecimentos, emquanto os não pode ir apresentar pessoalmente.

A ultima circular d'essas companhias, por tantos motivos benemeritas, é d'uma que tem a sua sede na provincia e que figura no papel com um capital de 600 contos, ou seja, segundo todas as probabilidades e segundo a lei permite, uma existencia de 60 contos em cofre. Ora, é sobre este facto, além d'outros de somenos importancia, que pedimos licença para fazer algumas observações, as quais até certo ponto resfriam o nosso entusiasmo pelo bizarro proceder d'essa sociedade e d'outras de fundos tão modestos como os que esta possui.

Com os tais 60 contos, ou 60.000 escudos, pois que não é muito supôr que os proventos das apolices mal chegarão para pagar ao pessoal n'elas empregado, é que a referida companhia conta reconstruir predios incendiados, mobílias destruidas, etc. etc. e ainda por cima acudir á minha criada quando ella necessitar de socorros medicos, dar-lhe pensão vitalicia se se inutilisar ao meu serviço em trabalhos do seu mister e indemnisar do mesmo modo algu-



mas centenas de criadas que, por ventura, sejam suas seguradas?

São excellentes as intenções de quem tão insistentemente nos avisa de que pagaremos fortes multas se não cumprirmos a lei n'esse ponto, apontando nos tambem o decreto para que bem vejamos que o legislador não teve em mira, promulgando-a, salvar algumas companhias de falencias prováveis—os grossos capitais que leremos de depositar se preferirmos tomar a responsabilidade pessoal do que ver a acontecer aos serviçais; mas parece-nos que só essas intenções merecem reconhecimento e que as cactopas mal amparadas ficarão se outros auxilios não tiverem senão os que assim se lhes promettem.

Pelo sim, pelo nao, aconselhamos a nossa criada a que vá pondo de parte algumas economias da pingue soldada que lhe damos, além de a susentar, de a abrigar, de lhe pagarmos a lavagem e a engomagem das roupas e de lhe proporcionarmos outras achegas de menor valia, para que um dia não tenha de maldizer a chapa de seguro, por incomoda e inutil.

SANTOS CHOCANO

Es um nome que Portugal mal conhecia, apesar de ser, na opinião de pessoas doutas e incapazes de exageros, o do maior poeta das Americas; conhece-o agora e não pelas obras, certamente, mas porque a sentença d'um tribunal o velu pôr em fóco e porque contra ella immediatamente protestaram algumas das mais notaveis individualidades, em todos os campos, do mundo culto.



Como Gabriel de d'Annunzio, José dos Santos Chocano não se limitou a cantar as glórias da natureza e dos homens; intrometteu-se na vida politica d'um paiz e como o partido a que se ligou não ficou vencedor, sofreu as consequências do fracasso dos seus. Se Portugal foi dos ultimos paizes a protestar, não foi dos que empregaram menos calor em semelhante transacção, como terra de generosos sentimentos, que é; agora deve completar o nobre rasgo a favor do poeta—lendo-o.

LIVROS

Alberto Pimentel, que ainda está produzindo apreciabilíssima litteratura, dá-nos a edição definitiva da sua «Princesa de Boivãos», um dos romances mais dinamicos e de mais sincero estilo, que conhecemos, só comparavel aos melhores de Camilo. Ao mesmo tempo que recebemos a «Princesa de Boivãos», visita-nos Alberto Pimentel, filho, com um volume de mais de 400 paginas, «Lições de pedagogia geral» e de «Historia da educação», destinadas aos alunos das escolas normais primarias.



O seu autor, apesar de medico distinto, tem tido tempo e capacidade suficientes para se dedicar com grande affecto ao instituo onde tem uma cadeira de professor, e esse affecto prova-o n'este livro, de fartos conhecimentos e metodo perfeito, que, seguido e meditado pelos estudantes, d'eles fará mestres seguros e conscienciosos.

Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira).

O FORTE D'AVEIRO

E O DE REGO DE FONTE

por Humberto Beca



Não é demais salientar o espirito de previdente segurança de nossos maiores, cujo patriotismo e solicitude, tinham positivamente posto toda a costa do pais ao abrigo de qualquer ataque por surprêza, garantindo duma maneira

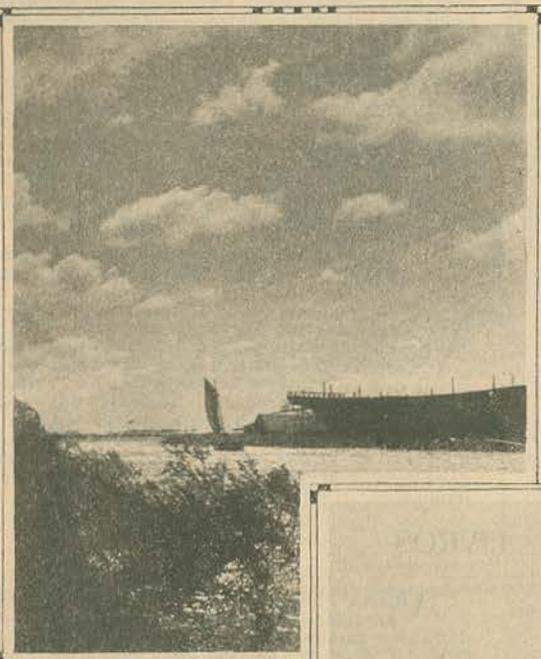
ás intempéries, sempre pronta a barrar a tentativa audaciosa do corsario ou do inimigo que atrevidamente procurasse ferir-nos numa diversão ofensiva pelo mar...

Nos mais pequenos concavos do nosso litoral, a patriótica providencia dos velhos lusitanos lá collocava a sentinela de pedra dos seus fortins que a cada passo encontramos hoje, a desmoronarem-se no esquecimento das velharias sem prestimo por quasi todo o longo das nossas fronteiras maritimas.

E o que succede por mar igualmente se dá por toda a raia sê.a.

Não eram só as fozes dos mais pequenos rios que a esses atentos gue reiros, para quem a integridade da Patria era tudo — que differença da geração egoista e afeminada d'agora! — merecia o cuidado do seu constante estado de defesa, mas t. dos os pontos que ao inimigo pudessem utilizar, desde quaisquer anfroctuosidades nas rochas ao lit. rai a cujo abrigo, podessem acolher-se os bateis dos navios, ás ilhas e promontorios que vemos, na sua maioria, coroados de fortalezas ou pequenos fortes a cuja sombra Portugal durante tantos anos dormiu o sono socegado da paz, dos seus lares que ha tantos anos desconhece.

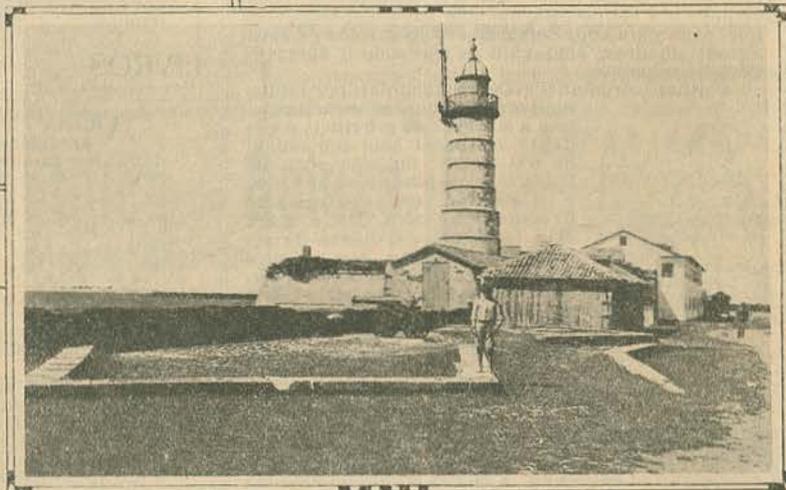
O forte de Aveiro é um modesto réctangulo ape-



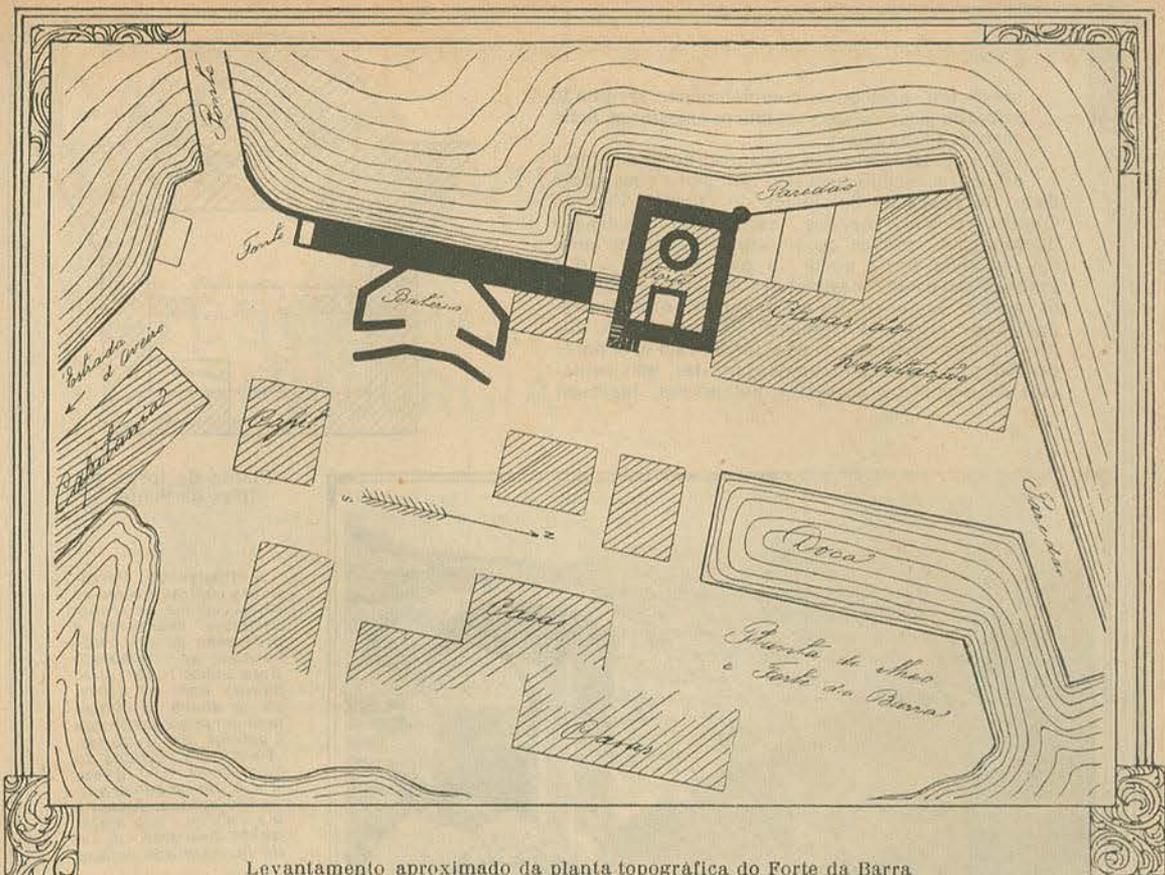
Um trecho da ria d'Aveiro e um dos seus estaleiros.

eficaz a sua segurança e defêza.

Logar da costa onde se pudesse tentar um desembarque, aí vemos nós o castelo altaneiro, vigilante e seguro, como sentinela incorrutível e infatigavel, não cedendo nem ao cançasso nem



1. Vista da ilha do forte na barra de Aveiro. — 3. Aveiro. Forte da barra, torre de signaes e bateria baixa.



Levantamento aproximado da planta topográfica do Forte da Barra

nas com algumas dezenas de metros quadrados de superfície, construído, não pude averiguar quando, pois em documento algum se encontra notícia de tal obra de defesa, destinada a defender a entrada da Barra da mesma cidade, hoje completamente inútil, servindo de armazem do material a cargo da capitania e em tempo já afastado utilizado como presidio de grilhetas.

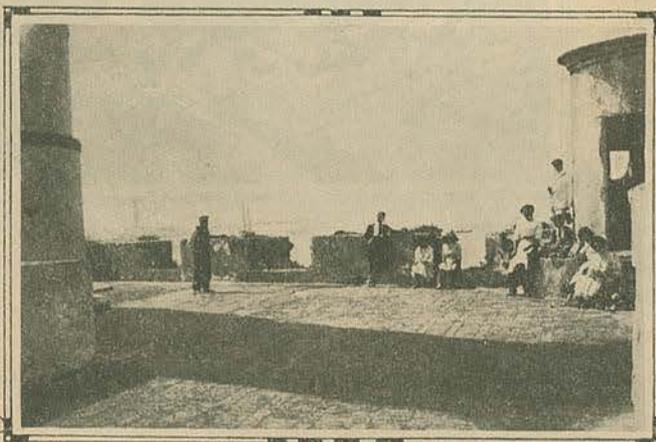
O ilustre historiador Sr. Marques Gomes diz que o forte da Barra de Aveiro já existia em meados do seculo XVII sendo conhecido com o nome de Castelo da Gafanha. Fôra do quadrilatero amuralhado tem uma bateria baixa onde em tempo estiveram algumas peças de artilharia, existindo hoje ali apenas uma para sinais aos navios que demandem a Barra, construindo-se tambem sobre a muralha do castelo uma torre com o mesmo fim. A ria de Aveiro forma no local onde assenta o Forte, uma pequena ilha ligada por estradas á cidade e á praia, dum pitores-

co inegalavel, bem merecedora de melhor sorte do que a que lhe reserva o abandono a que tem sido votada.

Outros dos pequenos fortes que se encontram disseminados pelo litoral lusitano é o de Rêgo de Fontes.

A tres ou quatro kilometros ao norte de Viana do Castelo o mar, na sua eterna sina de lutador, cavou entre rochedos, que deixou a descoberto, uma pequena baía, optimo abrigo para um desembarque e por meio de canoas, que durante a noite podia efectuar-se sem que do Castelo de Viana de tal se apercebessem.

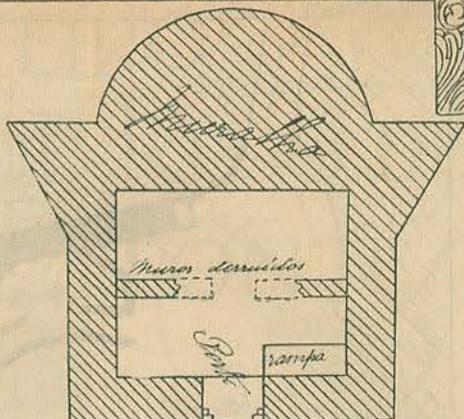
O espirito providente de antigos portugueses, aí levantou n'um pequeno promontorio que domina a baía, pela do norte



Praça d'armas do forte da Barra de Aveiro. Ao longe vê-se o farol.

um fortim, hoje quasi completamente arruinado e de que já só existem os muros exteriores, meio derrocados tambem.

Sobre tal forte não encontrei noticia alguma de valor, sendo provavel que a sua construção date da época da dos fortes do Queijo, Vila do Conde, Pova, Ancora, etc., cuja construção durante as guerras da restauração teve primeiro em vista pôr o norte do país ao abrigo dos ataques de navios hespanhoes e depois proteger os navios nacionais ou est angeiros, que demandavam os portos portugueses, da perseguição dos piratas que por esse tempo infestavam esta parte do Atlantico e não só os navios piratas, mas os navios flibusteiros e corsarios holandeses, ingleses,



Planta do forte de Rêgo de Fontes.

*

A Ilustração Portuguesa continua, como se vê, na missão de tratar assuntos nacionaes e pela pena do seu colaborador sr. Humberto Beça tem o leitor visto passar ante os olhos, em g avura e prosa uma serie magnífica de Castelos de Portugal. Assim nas paginas da Ilustração Portuguesa dia a dia se vão arquivando cousas, factos e assuntos que muita gente descobre, quando la, aquí são velhos.



Ruínas do forte de Rêgo de Fontes.

etc., que por toda a parte nos guerreavam. Não tem, pois, historia os dois modos dos baluartes e anónimos como nasceram, «filhos das algas» como dizia o sr. Malheiro Dias desconhecidos desaparecerão um dia sem que da sua memoria reste mais do que a vaga tradição da sua existencia ingloria, que as vagas nos contrão no plangente susurro das suas noites de... spleen.

Dos dois minuculos fortes darão melhor descrição aos leitores da «Ilustração Portuguesa» as fotografias que, para que d'elles fique a lembrança ao menos, junto ao artiguinho que lhes dedico.



o forte de Rego de Fontes

E de Portugal, dos seus castelos, da sua patzagem, das suas riquezas artisticas e monumentaes, da sua vida e dos seus costumes continuaremos a tratar.

(«Clichés» do auctor.)

As Cidades FLUTUANTES

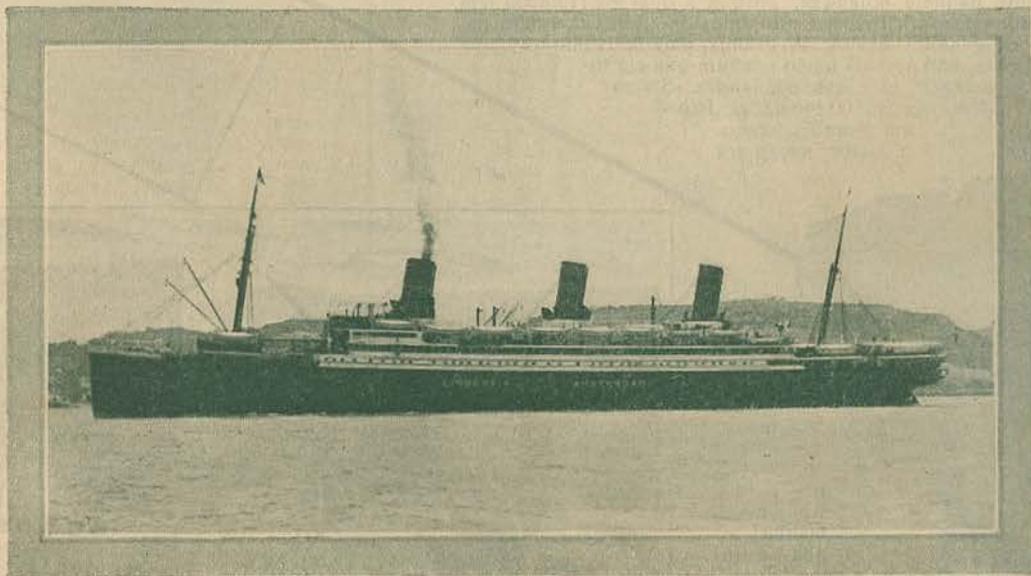
O paquete LIMBURGIA



VISITOU ha pouco o nosso porto, fazendo a sua primeira viagem, o grande paquete holandez «Limburgia», da Mala Real Holandez (Koninklijke Hollandsche Lloyd), o maior que até h je tem demndado o nosso porto, tão cheio de gloriosas tradições.

Dizemos o maior, pois não estando Lisboa na escala de New York os grandes paquetes, como o «Imperator» e o «Vaterland», o «Aquitania» ou o «Mauritania», nem de longe conhecem as nossas costas. O «Limburgia», é o maior paquete que faz, do norte da Europa, a carreira da America do Sul. O maior pois desloca 22.000 toneladas, mede comprimento 188 metros, de largura 22 e 16 de altura. Todos os melhoramentos da navegação ele encerra. Compartimentos estanques, signaes submarinos, telegrafia sem fios, tres helices, elevadores, grandes salões de jantar, de fumo e de correspondencia, piscina, estufa, jardins de inverno, jardim zoológico, salões de jogo, frigoríficos, cabines de luxo e acomodações para 1800 passageiros. O seu pessoal tripulante é de mais de 500 pessoas. Em resumo, o «Limburgia» é uma cidade onde ha tudo, desde o barbeiro ao engraxador e desde o florista ao medico. Ha a bordo duas orquestras e tudo no imenso hotel flutuante, de um acao irreprezível, convida ao prazer.

A companhia possuidora do «Limburgia» tem breve a fazer carreiras o «Brabantia», que está



O Limburgia fundeado no Tejo.



Um dos salões do estar

para o «Limburgia» como o «Lusitania» estava para o «Mauritania» da «White Star Line» ou seja o que em linguagem comum se chama dois irmãos gêmeos.

No mesmo caso estão o «Lutelia» e o «Gallia», este último torpedeado pelos alemães no Mediterraneo quando conduzia tropas.

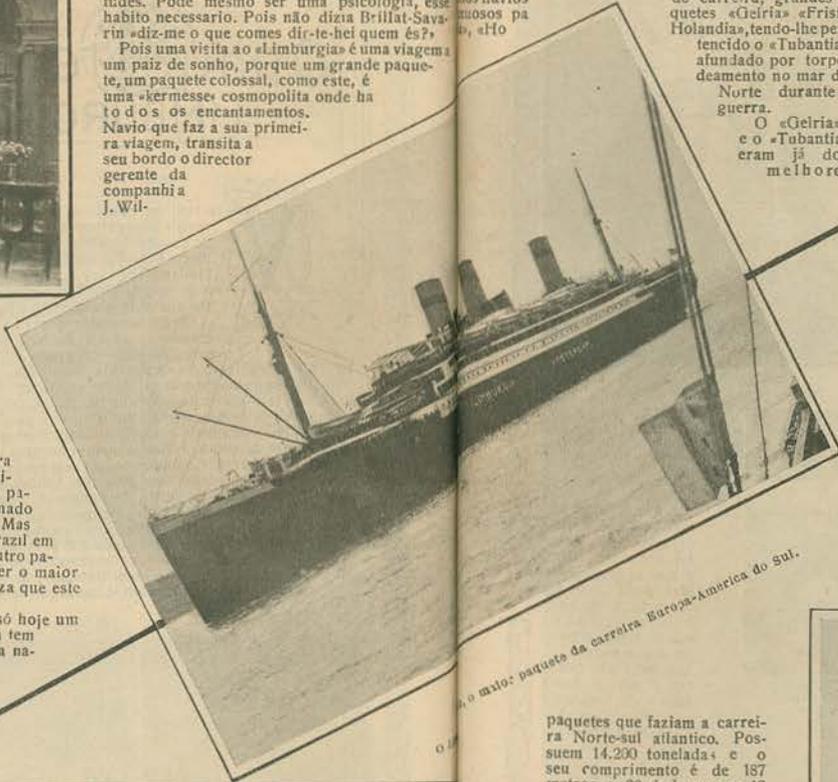
O «Limburgia» é hoje o maior barco que faz a carreira da America do Sul. Antes da guerra actinham essa primazia as companhias alemãs e o maior e mais luxuoso paquete era o «Cap Trafalgar», irmão mais novo e mais mimado do «Cap Finisterre» da «Hamburg Americanisch Line». Mas «Cap Trafalgar» foi metido ao fundo nas costas do Brazil em combate, cremos que com o «Alcantara» ou qualquer outro paquete inglez. E postos os alemães de parte passou a ser o maior navio da carreira o «Almanzora» da Mala Real Ingleza que este «Limburgia» veio pôr n'um segundo plano.

O «Limburgia» com as suas 2.000 toneladas não é só hoje um grande paquete holandez, porque a operosa Holanda tem grandes transatlanticos, sendo antes da guerra a terceira nação de grandes navios. A França, paiz maritimo de tradições, não possuia navio nenhum que em tonelagem excedesse o holandez «Staten dem» de 32.500 toneladas. Isto é em grandes navios a maior nação era

fregados. E' um feito de raça, pois já o nosso Ramalho Ortigão fala no furor limposo dos holandezes.

E' isto um grande elogio que não sabemos que maior se possa fazer. Um povo que tem o culto da limpeza é um povo com grandes virtudes. Pode mesmo ser uma psicologia, esse habito necessario. Pois não dizia Brillat-Savarin «diz-me o que comes dir-te-hei quem és?»

Pois uma visita ao «Limburgia» é uma viagem a um paiz de sonho, porque um grande paquete, um paquete colossal, como este, é uma «kermesse» cosmopolita onde ha todos os encantamentos. Navio que faz a sua primeira viagem, transita a seu bordo o director gerente da companhia J. Wil-



O maior paquete da carreira Europa-America do Sul.

paquetes que faziam a carreira Norte-sul atlantico. Possuem 14.200 toneladas e o seu comprimento é de 187 metros e 22 de largo por 13 de alto. Ora este «Limburgia» tem 7 mil toneladas mais e se de comprimento e largura pouco difere, em altura tem mais 3 metros o que é alguma cousa. De resto, como luxo, o «Limburgia» excede tudo feito até ago a e realisa o maximo em bom gosto, maraviha e comodidade que se pode apresentar.

Os seus beliches de luxo são verdadeiros quartos de hotel com camas em madeira cara e nas paredes quadros, magnificas gravuras dos grandes mestres da pintura.

Quasi todos tem junto quartos de banho privativos ou sala de «toilette» ou escritorio. A sala de jantar da primeira classe é monumental com a sua iluminação difusa

e a multidão das suas pequenas mezas sempre cobertas de flores ou iguarias. E quando á hora de jantar, perde-se a noção de que se está a bordo o caminhando na vastidão do mar.

Ouvindo a orquestra tocar

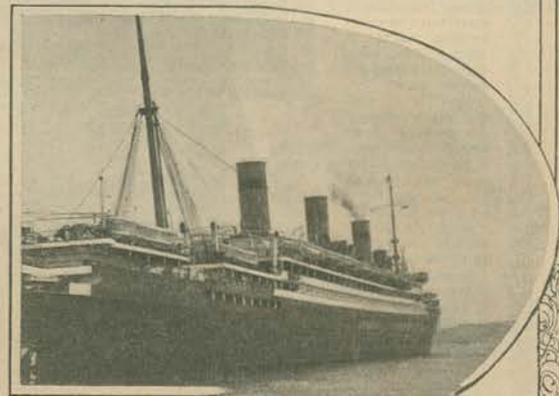
O «Gelria», e o «Tubantia» eram já dos melhores



uma peça classica e olhando o esplendor das luzes reverberando nos cristaes e fazendo sobresair toda a magnificência do espectáculo e da multidão, tem-se a noção de que se está na Cote d'Azur ou na Riviera, n'um hotel sumptuoso onde tudo é prazer e magnificência. Tudo concorre de resto para dar essa ilusão porque apoz o jantar vos derigireis para um dos grandes salões onde se faz musica, onde se «lirta» ou onde se joga e a ilusão não se desfaz nem quando se entra no quarto para dormir, porque uma foíssima cama vos acolherá os ossos. Não se pode desejar mais.

Quanto aos perigos de naufragio nem no caminho do Brazil ha «icebergs», nem isso é cousa que facilmente possa acontecer. Mas se por um acaso acontecesse, a telegrafia sem fios, os inumeros barcos de salvação (mais de 25) e as jangadas e coletes pessoasos vos garantiriam contra o nefasto accidente. Mas está tão aperfeiçoada a arte de navegar que ha anos que isso não acontece a um navio grande, dotado de todos os aperfeiçoamentos.

Agora se penetrardes nas entranhas do monstro, pas-



Aproando á barra.

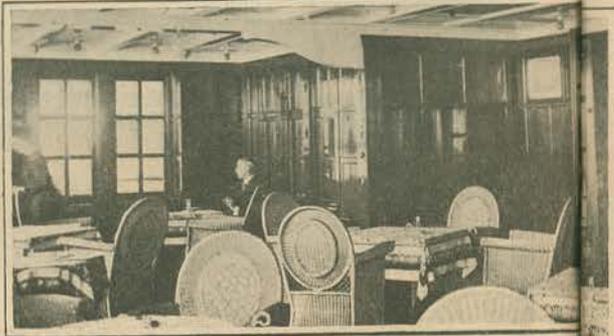
marcis. Que tanques enormes de oleo combustivel, que espantosa garrifeira, pois ninguém calcula o que dias mil pessoas saudáveis e bem comidas bebem, que re-



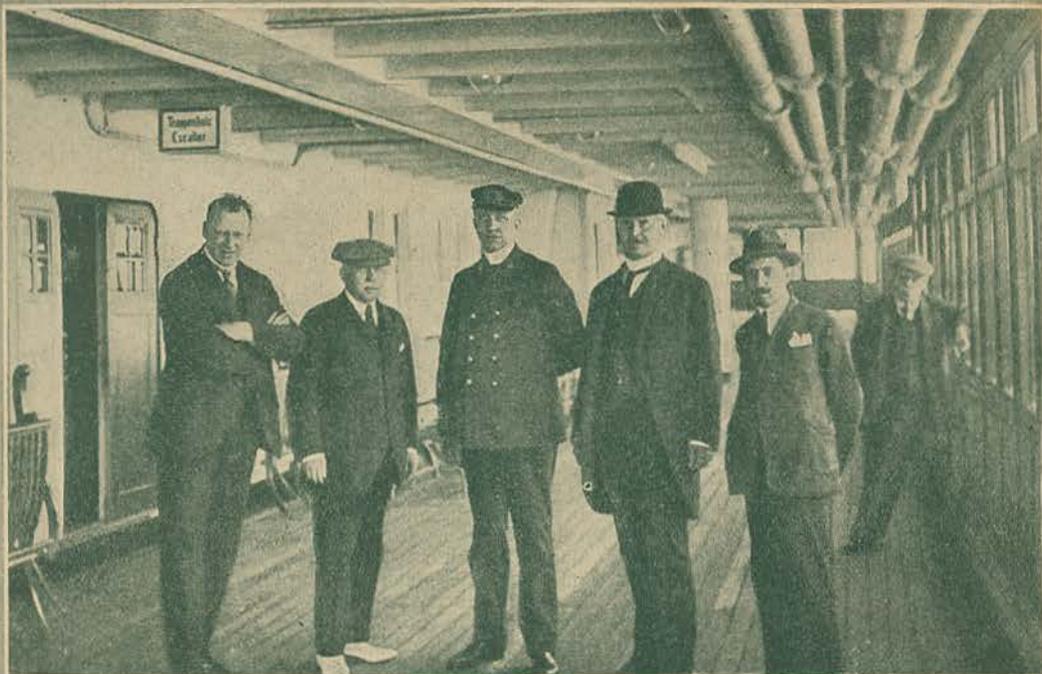
a Alemanha pois que o seu «Bismark»

tinha 50.000 toneladas. Apoz a Alemanha vinha a Inglaterra e apoz a Inglaterra a Holanda. Depois todos sabem como os navios holandezes são limpos, como são es-

pelhentos, como são es-



Aspecto de um salão de fumo no tombadino.



O director adjunto sr. Alphagen, o director gerente sr. J. Wilnink, o capitão Kolkman, o agente em

serva extraordinaria de carnes, peixes, criação e conservas. Quanto de ovos, quanto de manteiga, quanto d'essa multidão de cousas que são uma fortuna nababesca hoje e são o peso do das nossas donas de casa!

Pois leitor amigo! Visita um grande paquete como este «Limburgia» e dir-nos-has se o homem não tem feito algo que mereça a tua admiração e se é ou não um grande hotel, uma esplendida cidade flutuante, este vapor do Lloyd Real Holandez de que te damos uma rapida descrição e algumas gravuras.



A piscina de bordo

Lisboa sr. d'Orey e o sr. Al'ino Forjaz do Samaló, a bordo do *Limburgia*, no Tejo.

Por elas, alguma idéia, leitor da serra, leitor da planície, que nunca viste o mar podes fazer. Mas nada chega a ter visto. Então em face do monstro é que tu poderás parar e admirares-te. Que se o não fizeres é porque não sentes ou tens em conta minima o esforço do homem teu irmão, de cujo génio este «Limburgia» perfectissimo é uma plena demonstração. Mas vae muito do vivo ao pintado. Vae muito para melhor, coisas sumptuosas, magnificencias que nem a prosa nem a gravura sabem traduzir ou sequer evocar...





Putilidades

Para a Sr.^a U. Irene de Gonta Gilman.

Não saias hoje, amor. Dize que sim.
Passaremos a noite a conversar.
Se queres vou tocar, dansar, cantar,
— O que eu desejo é ter-te ao pé de mim.

Não saias hoje! Iremos ao jardim,
Apanho rosas para me enfeitar,
É fico presa á luz do teu olhar,
É perfume-me toda de jasmim . . .

Não saís? dizes que não? Meu bem! meu bem!
Como a gente é feliz quando ama alguém!
Oíço apenas na terra a tua voz.

Vamos, senta-te aqui. Lê versos, fuma.
Emquanto lês, eu olho a sala... — Bruma... —
Vejo-me ao espelho e ponho pó d'arroz.

Virginia Victorino.

MUSICA BRAZILEIRA

O MAESTRO CARLOS GOMES



Carlos Gomes



VIMOS de aplaudir a sinfonia do *Guarany*, no teatro S. Luiz, executada sob a batuta doutro ilustre artista brasileiro, o d^r. Assis Pacheco, que rege a orquestra da quele teatro lisboeta.

Ha poucos dias ainda que, no Jardim Zoologico, identifica^r audição aplaudimos, magistralmente executada por noventa professores da banda da Guarda Republicana sob a regencia do seu «maestro», o sr. Fão.

Sempre que ensejo se nos proporciona não dispensamos a audição dessa bella peça de Arte que tivemos a fortuna de ouvir, bem como a opera por inteiro, executada sob a direcção do seu glorioso autor. Ouvindo-a, recorda-nos toda a obra grandiosa do consagrado Mestre, do insigne artista que foi Carlos Gomes. Transparece á nossa retina a figura esbelta, desempenada, do velho-mancebo; o esmaltado da sua barba e da farta cabeleira branca a ressaltar no fundo vermelho-tostado da sua raça; a graciosidade do seu espirito sempre jovial e o brilho do seu olhar de blandicias de bondade. O nosso espirito evoca então todo o seu passado de privações e de glorias, e, dos seus ultimos momentos, vitimado dolorosamente por um cancro na laringe, nos derradeiros paroximos e num arranco supremo,—o brilho subito daqueles olhos, em irradiações selvagens, procurando, de balde, os filhos ausentes...

A obra de Carlos Gomes não é o *Guarany*, unica de suas composições que por aqui vemos executada. Esta foi a opera como que de estreia e da apresentação do novel compositor á plateia exigente do *Scala*, de Milão, em 1870, que aliás a recebeu, excepcionalmente, com o maior entusiasmo e fartos aplausos. A critica artistica á sua obra,

porém, coloca em primeiro logar as operas *Fosca*, *Salvator Rosa* e a *Schiavo*, esta, a exemplo da *Guarany*, foi inspirada em assuntos nacionaes da sua patria.

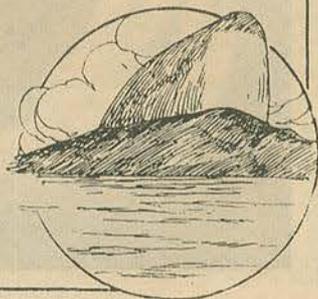
Segue-se áquelas a *Maria Tudor* que seria, na expressão dos criticos, a sua obra prima se não fôra o

prejuizo do libreto pouco favoravel á scena lirica. E' sabido que Carlos Gomes não poetisava, confiava a outrem a escritura dos libretos, sobre os quais recaía a sua inspirada composição. A *Condor*, outra opera que, como as precedentes, fôra cantada em todos os teatros liricos de Italia e neles tivera os mais francos aplausos, ressentese igualmente da feitura do libreto.

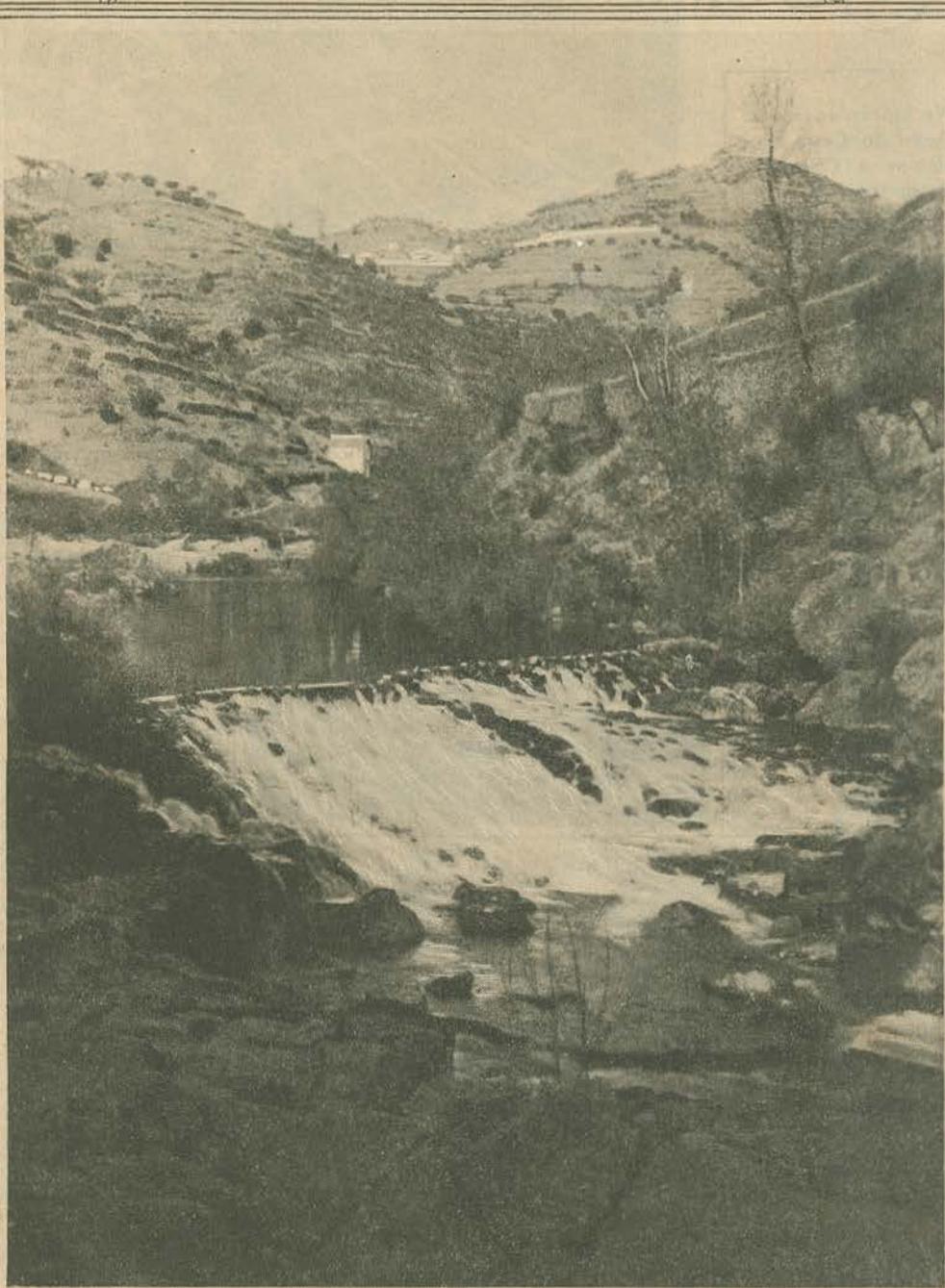
A sua apresentação no *Scala*, todavia, despertou entusiasmo e foi largamente repetida. De todas as composições de Carlos Gomes foi a *Condor* a mais apaixonadamente discutida pelos criticos da arte,—o que redundou em maior realce á obra do já então consagrado artista. As operas acima mencionadas, em primeiro lugar, são reputadas de merecimento artistico superior á do *Guarany*. Dentre outras produções suas, scientilam—o *Escravo*, na qual o mestre agitou todo o sentimento de altruismo e de pundonor da raça livre dos tupis de que era oriundo; a *Colombo*, soberba homenagem musical ao atilado navegador genovez, descobridor do novo continente; *Odaléa*, *A Noite no Castelo*, poema de *Flandres* e outras.

Dito isto, lembramos aos nossos chefes de musica a conveniencia de extrair daquelas outras partituras o que parecesse conveniente á vulgarisação da obra artistica do saudoso «maestro» brasileiro. Interessaria ao nosso publico, que desconhece aqueles primores de arte, e seria uma nova homenagem á nação amiga e irmã.

D. B.



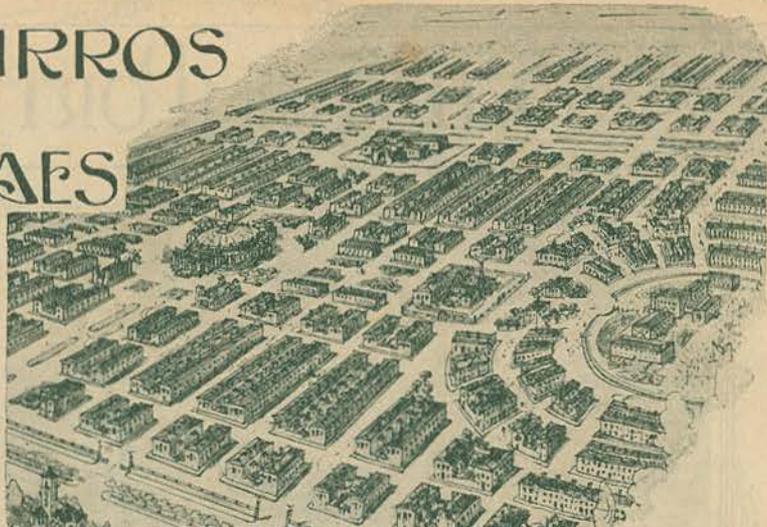
A PAISAGEM PORTUGUEZA



CACHOEIRAS NO RIO CORGO
(«Cliché» do Sr. Antonio Teixeira — Regua)

OS BAIRROS SOCIAES

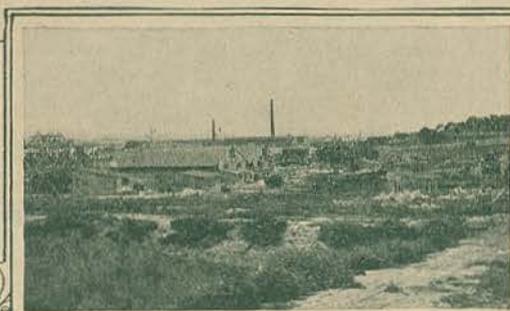
No bairro social do Arco do Cego realisa-se a festa do primeiro pau de fleira com a assistencia do chefe do Estado e governo.



Vista panoramica de um futuro bairro social

Foi uma festa deveras interessante a cerimonia do primeiro pau de bandeira no bairro social do Arco do Cego, construido onde antigamente e a a Quinta das Côrtes, vasto trato de terreno que breve será habitado, pois que se trabalha por erger nada menos de 3000 habitações com o que não é dos que dá ratinhada a sua quota parte, este do Arco do Cego.

A festa realizou-se com a assistencia do sr. Presidente da Republica, acompanhado pelos presidentes do ministerio e da camara dos deputados, vendo-se ainda os ministros do trabalho, finanças, guerra, marinha, justiça e agricultura.



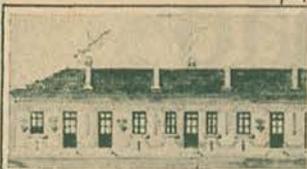
O local do futuro bairro social do Arco do Cego
O sr. Presidente da Republica na cerimonia do «pau de fleira» do primeiro predio

Tambem a Camara Municipal e o Conselho Superior de Finanças, se fizeram representar.

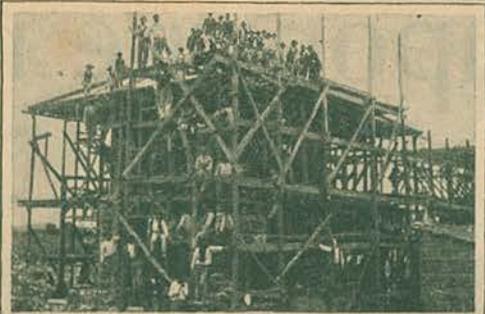
Os bairros sociaes são uma util e necessaria instituição caso correspondam ao fim para que foram creados. Eles dão ao operario e ao semi operario casas higienicas, excellentes, sem a ganancia com que numa promiscuidade degradante quasi sempre o operario mora.

De, pois como se não trata de construir cinco ou seis predios, mas um bairro inteiro, o material é adquirido em exceçoes condições de venda o que tornam minimo, dentro dos limites em que hoje se pode construir, o custo da pr priação.

Como se vê olhando



Casas do Bairro
Tipo A



O predio onde se inaugurou o «pau de fleira»



Tipo B

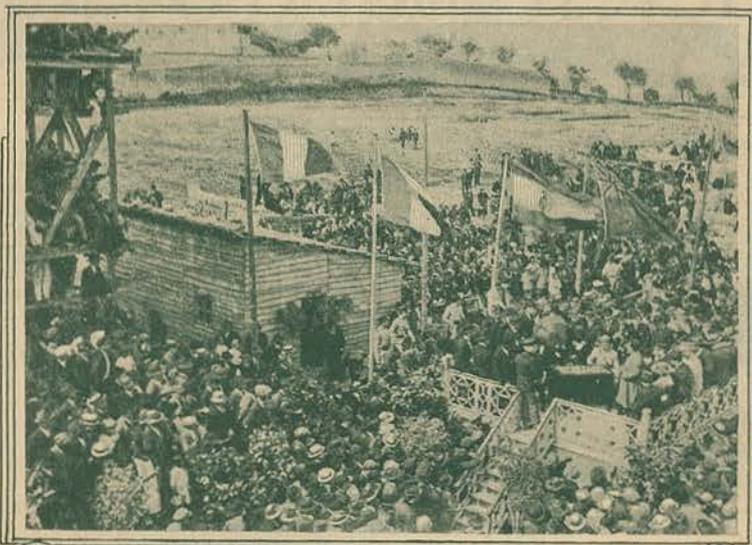
o plano geral de um bairro ele tem tudo de uma pequena vila que é, não lhe faltando sequer a Casa do Povo, com a sua biblioteca, o «club» e o teatro.

As construções alinham-se elegantemente e só ha a temer que os burguezes se façam operarios para disfrutarem as vantagens de ali morarem porque é da velha sabedoria que quem não mora não vive e quem vive mal é porque não habita bem

Emfim, os bairros sociaes são um sonho em via de realisação.

A festa que se realizou agora foi entusiastica, tendo sido gran-

bairros sociaes. Entre os varios oradores falaram os srs. major Inacio Pimentel, A. Dias da Silva, dr. Campos Lima, Sousa Neves e o sr. ministro do trabalho que afirmou ter pelos Bairros Sociaes a maior simpatia, estando disposto, por isso, a prestar-lhes todo o auxilio e cooperação. Faz a defeza dos direitos das classes operarias, declarando que o que não pode deixar de exigir é que todos cumpram honestamente os seus deveres; explica os motivos por que modificou a primitiva organização dos bairros, e, declarando ter falado em



Um aspecto da cerimonia



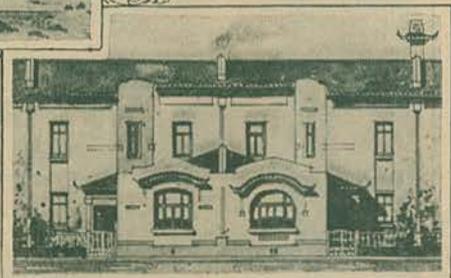
Projeto do Teatro, Club e Biblioteca

des as ovações aos oradores que disseram o que foi o embrião, o fecho e a vida á luz plena dos

nome de todo o ministerio, termina soltando um viva á Republica, vibrante e aplaudido.



Tipo C

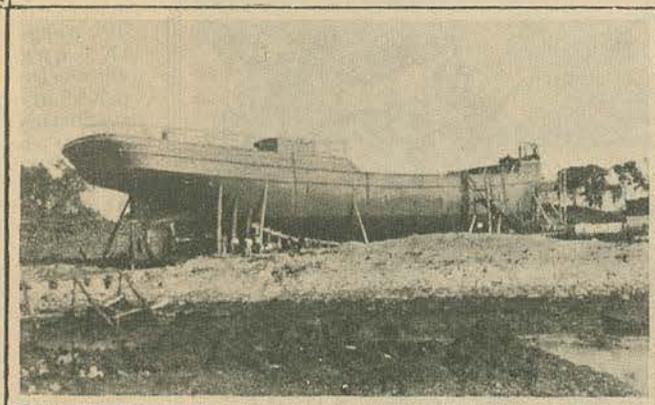


Tipo D

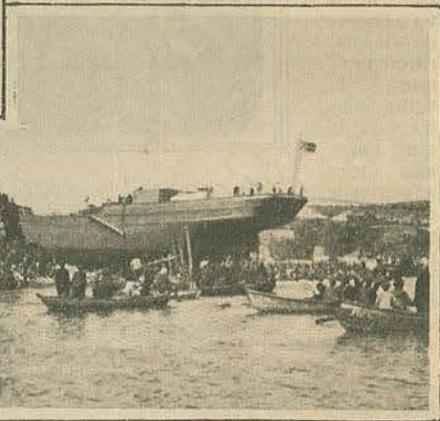
(«Clichés» Serra Ribeiro)

Um Vapor que não

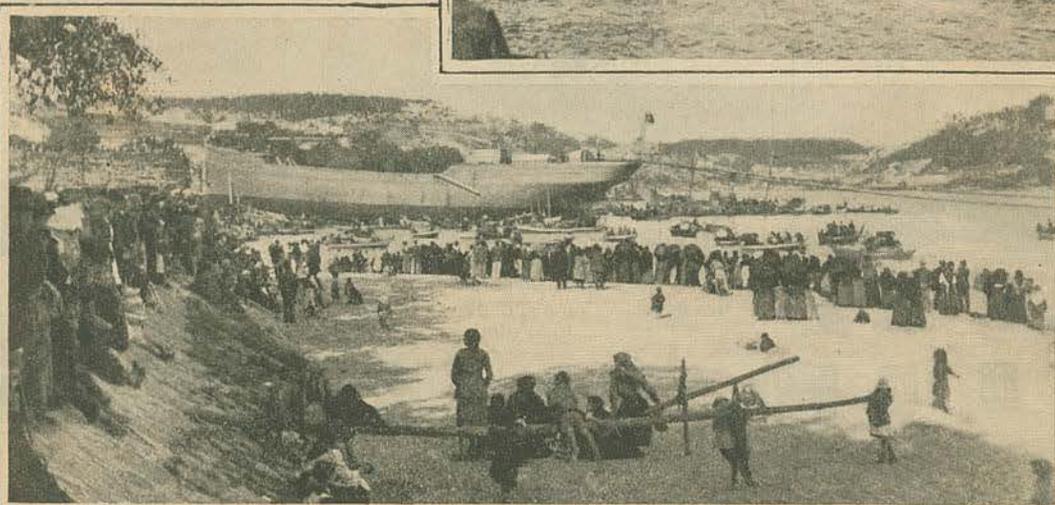
quer ir para o Mar



quando um rebocador o puxou, só conseguindo rebentar tres cabos e uma grossissima amarra. No dia seguinte repetiram-se as tentativas sem resultado. No terceiro dia nada se conseguiu, nem tambem ao quarto dia. O «Lordelo» tem 204 pés de comprimento, 38 de largo e 19 de alto. E' um excelente barco, que apenas tem o defeito de não querer navegar nem com trez rebocadores a puxar por ele.



Nos estaleiros do Ouro, no Porto, construiu-se o vapor «Lordelo» pertencente á Companhia de Navegação Portuense e quando se realisou a cerimonia de lançar o barco á agua este não se moveu. Não se moveu quando se lhe cortou o cabo, não se moveu quando o aliviaram das escoras, succedendo o mesmo



1. O vapor «Lordelo» visto do rio Douro.—2. O «Lordelo» na carreira.—3. O lançamento.
4. Situação do «Lordelo» apoz a ultima tentativa.—(«Cliché» I. Dias).

1841 — 1920

A CASA DUN

foi fundada em New-York em 1841, occupando então um modesto escritorio na esquina da Exchange Place e da Hanover Street; o seu pessoal compunha-se unicamente de

- 6 EMPREGADOS. Actualmente a CASA DUN tem a sua séde em New-York, 290 Broadway, EDIFICIO DUN, propriedade sua, construido em 1898, tendo custado
- 1.500.000\$00 ESCUDOS. E' em estilo moderno, todo armado em aço, completamente incombustivel. Agora, no fim de
- 78 ANOS de existencia, a CASA DUN tem
- 248 SUCURSAES nas principaes cidades da Europa e do Ultramar, nas quaes trabalham mais de
- 12.000 DIRECTORES, EMPREGADOS e VIAJANTES os quaes utilisam perto de
- 7.080 MAQUINAS DE ESCREVER, servindo-se de
- 350 TELEFONES e estando em relação com
- 800.000 CORRESPONDENTES ESCOLHIDOS.

O grande numero de escritorios da CASA DUN, cujos gastos anuaes ultrapassam a cifra de

- 10.000.000\$00 ESCUDOS, asseguram o seu perfeito funcionamento. Ao indicarmos estes diferentes algarismos, temos unicamente em vista frizar bem os poderosos meios de que dispõe e que lhe permitem FORNECER RAPIDAMENTE aos seus assignantes os informes sobre todas as Casas do mundo, graças ás suas ramificações universaes, á sua EXPERIENCIA e aos consideraveis capitaes empregados com este fim.

Agencia Internacional de Informes Comerciaes

R. G. DUN & Co.

Fundada em New-York em 1841

248 Sucursaes nas cinco partes do mundo

79 anos de existencia

DOZE Sucursaes na Peninsula

CENTRAL PARA PORTUGAL: **103, Rua do Comercio—LISBOA**
SUCURSAL: **10, Rua do Almada—PORTO**

M. FONT

A. MASCARÓ

Director geral para a Europa Occidental

Director para Portugal e Colonias

1920 — 1841

DOENTES

A Moderna Terapeutica Magnetica

Com o auxilio dos meios FISICOS e REGIMEN NA-
TURAIS, especificados para cada caso e devidamente in-
dividualizados, constitue

O tratamento mais racional e eficaz

FARA CURAR as doencas de qualquer orgão: estomago,
intestinos, ligado, rins, coração, etc., ou vias urinarias, res-
piratorias e circulatorias; hemorrhoidas, doencas da nu-
tricao, nervosas, artriticas ou linfaticas, paraliticas ou irri-
tativas *por graves e antigas que sejam*: assim o tenho
afirmado na minha longa pratica no estrangeiro, e aqui
pelas numerosas curas que tenho realisado.

*Os que sotrem não devem, pois, hesitar, a sub-
meter-se aos meus especiais tratamentos*

FISICO-MAGNETICOS E DIETETICOS

De cujos favoraveis resultados me responsabilizo.
Dr. P. Indiveri Colucci, consultorio *Psico-magneto-
rânico*. T. C. João Gonçalves, 40, 2.º k. do Intendente

TRABALHOS

TIPOGRAFICOS

Fazem-se nas officinas

da

“Ilustração

Portuguesa”

R. do Seculo, 43

LISBOA

Companhia de Seguros **GARANTIA**

Fundada em 1853 — Séde no PORTO

(Edificio proprio)

Sinistros pagos até 31 de Dezembro
de 1918 — Esc. 6.579.529\$26

Dividendo distribuido idem, idem —
Esc. 1:394.000\$00

CAPITAL MIL CONTOS

(Inteiramente realisado)

Effectua seguros terrestres, agricolas,
industriales, de automoveis,
trespasses, maritimos e de minas.
Seguros de vida (em organisação).

AGENTES:

José Henriques Totta & C.ª

BANQUEIROS

Teleph. 533 e 1.589 central

LISBOA

**ELIXIR, PÓ, PASTA E SABAO
DENTIFRICOS DOS RR. PP. BENEDICTINS**

de **SOULAC**

*Incomparaveis, Superiores
a todos dentifricos conhecidos*

REPRESENTANTE E DEPOSITARIO PARA PORTUGAL: **A. VINCENT, Rua Ivens, 56, LISBOA**

CASA RUBI

Telefone: Central 3851

Iluminação, higiene
e aquecimento.

120 — R. DOS RETROZEIROS — 122

— LISBOA —

para
a
higiene
das
crianças
DOLLY



O MELHOR PRODUCTO
DO MERCADO.

O MAIS MODESTAMEN-
TE APRESENTADO (PRO-
VISORIAMENTE) PARA
PODER SER APRECIADO
POR TODOS AO PREÇO
DE 0\$60 CADA CAIXA.

Vende-se em todas as boas
Farmacias, Perfumarias e
Drogarias.

Depositarios para Portugal,
Colonias e Brazil:

Fau & Palet L.ª

R. Aurea, 101, 2.º, D.

LISBOA

SUPLEMENTO
HUMORÍSTICO DE

O SECULO

Propriedade de J. DA SILVA ORACA, Lda

Director: ACACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43 — Lisboa

SUICIDIO MODERNO



O desesperado:

«Ou tu respondes ao meu amor, ou eu me suicido, comendo 250 gramas de pão de tipo unico!»



PALESTRA AMENA

O sêlo

Que as finanças precisam de se indelreitar, verdade é essa que ninguém contesta, e que um dos modos de as pôr a direito é aumentar as contribuições, também nos parece verdade sabida, sem necessidade de mais provas. Posto isto, somos a dizer que um d'estes dias tivemos necessidade de recorrer a um conceituado restaurante da capital para jantarmos, o que fizemos mediocrementemente agradados dos acepipes e muito menos da importancia dos ex.^{mos} criados, servindo-nos com ares de principes russos — quando na Rússia os principes tinham consideração — demorando-se meia hora entre prato a prato, não agradecendo a gorgeta, antes recebendo-a com olhares de desprezo e de irritação, porque, depois d'um exame á nossa pobre carteira de modestos literatos, reconhecemos que não poderiamos dar mais de dez por cento da despeza, pelo extenuante trabalho que suas ex.^{as} haviam tido comosco.

Tomado o cafésinho, pela modica quantia de 16 centavos, o que não nos pareceu demasiado, atendendo a que ninguém nos mandou ser tolos, café que foi o ponto final d'alguns ingredientes no valor de 3 escudos, o ex.^{mo} funcionario que se dignou servir-nos trouxe-nos a conta, competentemente selada, isto é, com um selo de 6 centavos, no qual estava aposta, a vermelho, a palavra *Assistencia* e onde a data ficara em branco.

O leitor extranharia o facto da conta em branco, pensando que os sêlos ainda poderiam ser aproveitados, mediante uma simples descolagem pela imersão em agua? Pois nós não ficámos, embora pelo sim, pelo não, não deixassemos o recibo sobre a mesa e o guardassemos como recordação. Mas se o leitor extranhasse que na conta o homensinho tivesse escrito a parcela de 8 centavos de sêlo, quando este fora de 6, então acompanha-lo-iamos na extranheza, conforme estamos fazendo n'este momento, com o recibo á vista e satisfeitissimos porque ele nos deu assunto para a crónica.

É isto, caros amigos. D'esta vez foi um engano, já se sabe e poderiamos perfeitamente ter dado oportunamente por ele, que seria remediado sem demora. Mas estes enganos são já a regra geral, não por má fé, mas porque se não dá importancia alguma ao dinheiro, tão alheados andamos da ideia do valor, do preço e d'outras manigancias com que nos entretiveram na mocidade os professores de Economia Política.

E, para findar, mais uma leve observação: quem dispende o sêlo dos recibos á quem paga ou quem recebe? Temos uma ligeira ideia de que, d'antes, era quem pagava. Agora não; quem faz a despeza paga o sêlo e não bufa, menos nós, que bufamos, como se vê, visto que não podemos desabafar d'outra maneira.—*J. Neutral.*

Para uns abre o ceu...

Lembram-se dos versos do nosso saudoso Tomaz Ribeiro?

*Para uns abre o ceu manhã de flores
Meio dia d'encantos e doçuras...*

...ou coisa parecida. E para outros o ceu é negro e tempestuoso, o que tudo vem a pêlo dos senhores deputados e senadores comerem, nos intervalos de suas substanciosas locubrações, o belo do pãozinho alvo com manteiga emquanto que nós cá, os miseros, digerimos (ou não digerimos) a negra mixórdia que os srs. padeiros nos impingem, atribuindo as culpas á moagem, esta ao



governo, este ao etc., n'uma especie de *scite*, como a do gato que papa o rato, que roe o cebo, que unta a corda, que amarra a bota...

Ora, ou ha-de haver moralidade, ou comemos todos. Nós temos até hoje fugido a ser deputados, ministros, ou qualquer coisa d'estas; mas a continuar a excepção alimenticia, na primeira candidatura pomos o assento n'uma cadeira de S. Bento e não a abandonamos senão depois de estarmos fartos de pão alvo.

Aí fica a ameaça, precursora de factos mais graves.

A's avessas

Sabem a ultima novidade sobre instrução secundaria? Consiste no seguinte: um rapazinho dos liceus fica reprovado em certo numero de cadeiras... e é como se ficasse aprovado, porque os parlamentares assim o determinaram.

Parece estranho, á primeira vistas,



mas afinal é um novo e luminosissimo horizonte que se abre á instrução publica, acabando com velharias de estudo, applicação, aprovações e outras banalidades.

O que os pais, de futuro, teem a recomendar aos pequenos é—que não estudem, que façam o possivel para que os reprovem. Assim mostrarão

verdadeira intelligencia e não pelo meio, extremamente facil, de estudarem as suas lições. Estudar, não ha nada mais facil; passar, porém, um ano, sem ter a curiosidade de abrir um livro, de entrar n'uma aula, de ouvir uma preleção do lente—eis o que mostra da parte do rapaz excepcional força de vontade e predominio sobre os instintos naturais de saber e de aprender.

Lembram-se da anedota do velho *Patagonia*, professor de latim no liceu de Coimbra? Um rapaz teve a energia sufficiente para nem lér as declinações, mas nas proximidades de exame, sabendo que o *Patagonia* dava o cavaquinho por que os seus alunos seguissem a carreira eclesiastica, dirigiu-se a este e declarou:

- Meu pai quer que eu seja padre.
- E depois?
- Depois... se eu ficar aprovado no exame de latim, não terei remedio senão ir para teologia.
- Que mais?
- Venho pedir a vossa reverendissima que me reprove.
- Ora essa!
- Sim senhor; se me reprovarem, meu pai julga-me incompativel com o latim e eu não vou para padre.

Estão vossorias a vêr o resto. O estudante fartou-se de dizer asneiras no exame, ás quais o *Patagonia* observava:

—Bem sei; o que tu queres é não ir para padre, mas has de ir.

E aprovou-o.

Hoje não são precisos estes expedientes, nem surtiram efeito, mesmo que o queno ficasse *chumbado* porque ia para padre, que era um regalo!

DE FÓRA

A serio

Quadras soltas

Tenho ciúmes d'aquela
A quem tratas com desdem.
Dizes-me tanto mal d'ela...
Por força lhe queres bem.

Vaes casar-te, bem o sei,
Folgo não seja comigo,
Se acaso te molestei
A outra coube o castigo.

Chamaste-me endiabrada,
Mas na minha travessura
Ha muita dôr d'afarçada,
Muito riso d'amargura.

Quando o meu olhar te viu,
Meu coração palpitou.
Telegrafia sem fio
De nossas almas, falou.

Podemos viver cem anos
E tu mil vezes trair-me;
Que importam os desenganos
Ao meu amor sempre firme?

O teu sensual amor
Não é amor, é capricho.
Dura a vida d'uma flôr
E... vae no carro do lixo.

Au a.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Indultrada Zefa:

Lansso mais uma vez mão da penna á uma pur nan cer allejado grassas a deus pra cempre á oitra pra te dezer algumas palavras a respêto das ultimas pessas de triatro que tanho visto i oivido i vem a cer a *Fédora* (cando leres carrega nu é cando não fica a palavra mal xeirosa) i mal us *Muinhos* que cantam, a prumera nu triatro Nasional i a cigunda nu S. Luiz.

O's pois ai vai a minha imperinsão. Cumo a *Fédora* já se arrepersintou á muntos anus nan val a penna istar agora cum isquisitices a respêto da tardusão; có te dezerei que u titulo para istar derêto devia cer *Feodora*, a nan ce crer tarduzir du ruço, porque intão era *Tiodora*, nem mais nem menos, mas cumo us franzezes le xamavam *Fedora*, nós cá xamamosle tambem açim i já munto favor ce le fês em us atores nan pornunciarem *Fedôrá*, á franzeza, cumo questumam. Adiente cum a porrissão.

Agora vou dezerte ca prumera peço a que meresse apelausos nu desimpenho da pessá é a mudista da sr.^a D. Palmira Bastos; cim cinhora, aquillo é que é çaber bem u ceu papel i nan



ulhar a despezas! Cuatro fatiotas nin menos i toudas ellas i peras, a valler có uma mais maça que toudos us paramentos du noço prior! A ceguir gustei munto da ditta sr.^a D. Palmira, na intrepertassão da ruça, que dantes istava apaichonada pello sr. Brazão i agora, cumo este istá velho, ce apaichonou pello sr. Rafael Marques. Que ingartidão, minha Zefa! Olha, cá pur mim, ce nan foce ome i foce a ela entre us dois aindas oje nan isitava; atiravame ó sr. Brazão i deixava lá u sr. Rafael prantare a xurar pella mãi i pello mano. O que eu aindas inté oje nan presebi é que diaxo de veneno é aquele cum que a purtagunista ce mata i que nan le fás difrensa ninhuma á voz nim ó carátel du rosto. Imfin, ella lá çabe i nan valle a penna pençar niço porque a sr.^a D. Palmira ós pois de u tumar raçucitou touda lampeira pra arresseber uma cumição de cinhoras

EM FOCO

Gavicho de Lacerda



O que este cidadão, sabio Gavicho, Escreve das colonias africanas Excede em muito as previsões humanas, E' mais que erudição pois é capricho.

Não ha rio, nem planta, pedra ou bicho Que não conheço a fundo, sem lampanas, Lá nessas regiões onde as bananas Abundam mais do que entre nós o lixo.

Vê-se que não ha terras que mais ame, Nem esta, onde viceja a violeta E anda de perna á vela o pequename.

Aquilo, se calhar (desculpe a treta,) E' caso de dizer «cherchez la femme» Ou antes, de dizer «cherchez la preta»!

BELMIRO

Sem luz

Sabe-se que uma noite d'estas o Fausto — o doutor allemão, não o outro — que devia morrer, ali pela meia noite, no palco do Coliseu, não pôde faze-lo, porque a isso se opoz a autoridade, ordenando que terminasse o espectáculo, para se não consumir luz inutilmente. Teve muita razão a dita autoridade; se toda a gente conhecia o final da opera, para que diabo haviam de representa-lo?

Agora, o que se nos afigurava conveniente era providenciar, para peças cujo final o publico ainda não conheça e que, pela sua extensão, se não possam condensar de modo a terminar antes da meia noite.

Acodem-nos varios alvitres, para resolver a questão:

1.º — Os espectadores irem para o



teatro munidos de fosforos e acendelos na altura propria.

2.º — Começarem-se as peças pelo fim. D'essa maneira ainda que se lhes suprimisse o começo, o transtorno não seria de maior, visto que as primeiras scenas são quasi sempre de simples exposição.

3.º — Representar-se só em *matinées*.

4.º — Não se representar o ultimo acto, sendo substituido por uma exposição, em que qualquer artista o descrevesse.

Se o leitor tem alguma ideia nova sobre o assunto, tenha a bondade de no-la remeter, urgentemente.

das nossas classias mais infriores (as classias supriores ção cumo çabas as dus varredoures das ruas, etc.) i oivir um coneto toudo triques lariques da sr.^a D. Culassa, muntos prabens i tal sin cinhores u que le cósou munta imperção i a fês xurar in barda, isto é, nan cei ce ella xurou pela manfistassão ce pur cósa da conta da mudista mas purvavelmente nan foi pur cósa d'esta porque ce calhar quem a paga é a impreza. Cá me açosiei tamem ós apelausos in nome da rapaziada de Peras Ruivas i inté dei um bejo na sr.^a D. Palmira mas nan tanhas siumeira porque foi na mão i ela nan decha que ceja n'outro sitio.

Agora canto ós *Muinhos* ção caxe toudos ulandezes cunforme avisavam us cartazes, uma museca munto orjinal ubrigada u acompanhamento de tamanços i questumes tamem munto orjinais a çaber: a dansa de roda do *Ladrãozinho cagora introu*, u jogo do paulito, a cabessa de truco da fêra d'Alcantra i um mastro cum um quejo in riba toudo incarnado que era infetivelmente a coisa mais felamenga de touda a pessá. Nan te fallo nu desimpenho porque esta carta já istá du tamanho da legoa da povua i cumo nu *Séclo Comico* pagam a um tanto a linha nan quero a ruinar a impreza. Intão adeos inté ó futuro ce nan murrer brebe cum um isalfamento pur cósa da grevia dos inletricos ou arrebintado cum u pão du tipo úneco i tão úneco que nan á in toudo u mundo purcaria mais indessente.

Soidades a quem pur mim préguntar bejos ós noços piquenos i nunca te isqueças de alimbransas minhas ós bácrs que ó tempo que us nan veijo já devem istar uns omesinhos.

Teu inceparavle marido cempre fixe

Jerolmo,

Emprezario do Pauliteama de Peras Ruivas.

REMEDIO EFICAZ



Entre amigas:

— Tu já a passear! Julguei que teu marido estava à morte...

— Esteve, mas como pertence a uma associação de socorros e os médicos mutualistas estão em greve, entrou já em convalescença...

A EXPOSIÇÃO FAUSTO GONÇALVES) SALÃO DA ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



O pintor
Fausto Gonçalves



«Casa d'aldeia»



«Palacio de Sub-
Ripass. (Coimbra)»



«Ponte do Castanheiros»



«O Mondego do Encanto»



«Lantia»



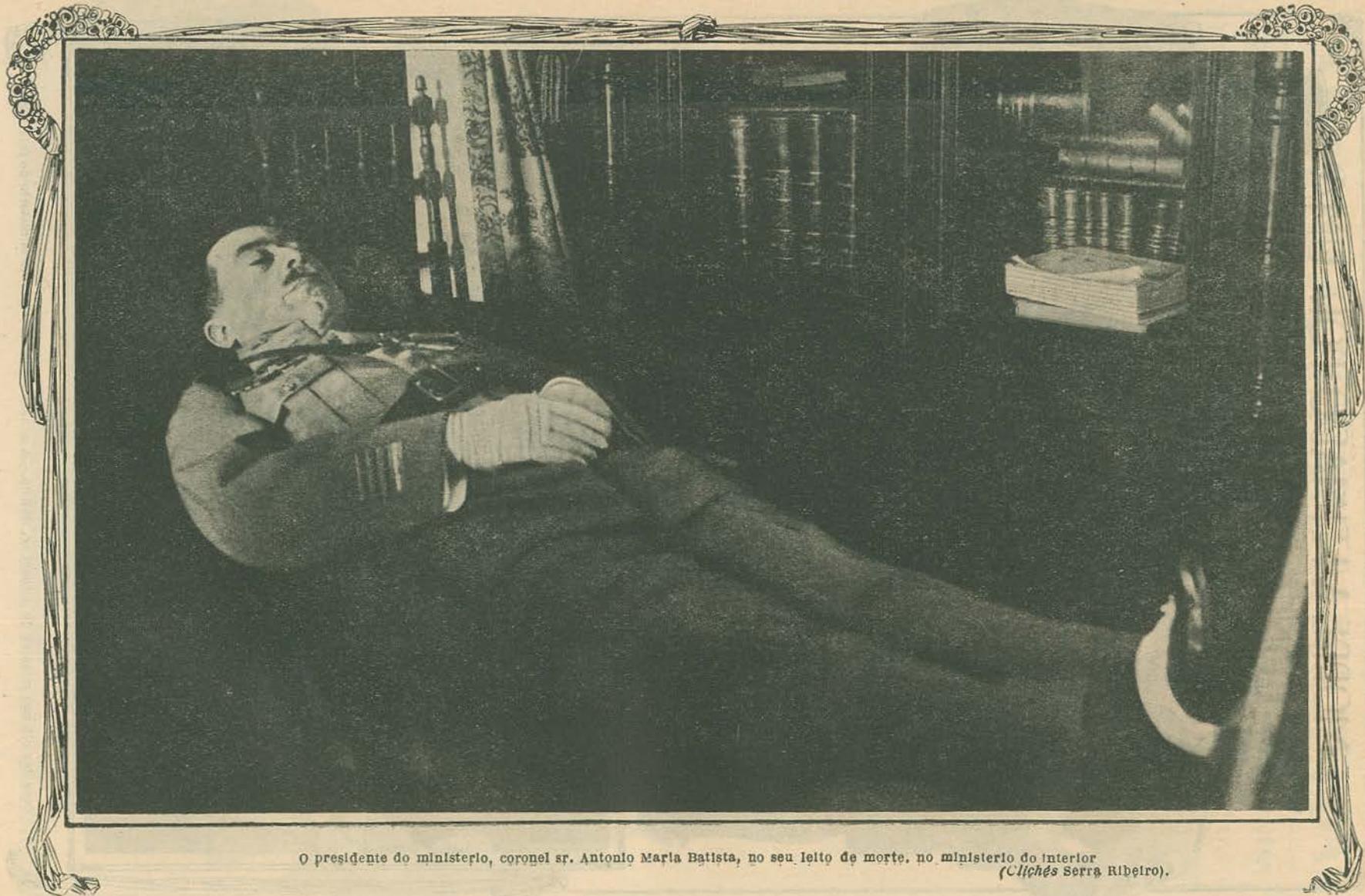
«Canção da roupa»

FAUSTO GONÇALVES é um moço estudante de Coimbra, da faculdade de Direito, que nas horas vagas do estudo das leis se dedica á pintura. Mas não é um curioso como o leitor poderá supôr. E' antes um temperamento intenso de artista e a sua tecnica é já da segurança de um artista que ha muito privasse com os pinceis.

Fausto Gonçalves fez primeiro a sua exposição em Coimbra e ali conseguiu vender quasi to-

das as suas telas. Veiu depois a Lisboa e aqui no Salão da *Ilustração Portuguesa* nos patenteou os seus interessantissimos trabalhos, onde Coimbra passa cheia de saudade e cheia de poesia, prodigiosamente sentida, sentidamente evocada.

Eugenio de Castro, Aarão de Lacerda, Sanches da Gama, Silva Gaio e Antonio Augusto Gonçalves deixaram no catalogo do joven artista palavras de justiça e de incitamento, as: palavras que o seu talento e a sua arte soube conquistar e merecer.



O presidente do ministerio, coronel sr. Antonio Maria Batista, no seu leito de morte, no ministerio do interior
(Clichés Serra Ribeiro).